

O banzo ao ler as obras de Achille Mbembe

Rosângela Jacinto Cabral¹

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFAL. E-mail: rosycabral@hotmail.com

Recebido em: 22 jan. 2019. Aceito em: 03 mar. 2019.
DOI: <http://dx.doi.org/10.21674/2448-0479.52.128-131>

Resumo

Este ensaio tem como objetivo proporcionar reflexões acerca da inserção das obras do autor Achille Mbembe como referência na Universidade. Em cima disso são trazidos questionamentos de como essas obras estão sendo absorvidas e pensadas no contexto atual, do ponto de vista de uma autora também negra. Problematizando em cima do que Mbembe, produz conclui-se que os mecanismos de poder e discurso de saberes de mais de 500 anos atrás, são os mesmos usados ainda hoje em dia pela sociedade.

Palavras-chave: Mbembe. Negritude. Colonização.

Abstract

The banzo to read the works of Achille Mbembe

This essay objective provide reflections on the insertion of the works of the author Achille Mbembe as reference at the University. On top of this are brought questionings of how these works are being absolved and thought in the present context, from the point of view of a black author. Problematizing on top of that what Mbembe produces, it is concluded that the mechanisms of power and discourse of knowledge of more than 500 years ago are the same still used today by society.

Keywords: Mbembe. Blackness. Colonization.

Novas epistemologias e ontologias sempre surgem na academia. Não é novidade que geralmente trabalhamos com referenciais europeus nas nossas pesquisas. A inovação é quando começamos a trabalhar com outras epistemologias e ontologias que não são de origem europeia, como é o caso do filósofo camaronês Achille Mbembe. Sua obra desembarca no Brasil em um momento em que estudos decoloniais, corpos subalternos e a filosofia africana (Frantz Fanon) começam ganhando destaque nas universidades. Mbembe, especialmente em *Crítica da Razão Negra* (2018), nos leva para refletir sobre questões da colonização africana e de negritude que provocam inquietações e rebuliços, principalmente nas pessoas negras.

Foi somente após cinco anos de graduação, e um ano após estar inserida no grupo de pesquisa do mestrado, que tive acesso na universidade a autores que fogem da rotina acadêmica de produção branca e eurocêntrica. E foi justamente após esses anos de academia e amadurecimento da minha identidade negra,

que pensei ter tudo bem resolvido, até conhecer as produções de Achille Mbembe. A primeira vez que o li foi no ensaio de *Necropolítica* (2016)¹, e lembro exatamente que após ler algumas laudas me questioneei: qual é a desse autor?

É a primeira vez² que leio um autor falando do continente africano, da escravidão e colonização que não é um europeu. É a primeira vez que, na minha experiência de academia, que não temos impressões de pessoas brancas que foram ou nunca estiveram em África falando do continente. Fora dos muros da universidade já havia me deparado com as produções brilhantes da autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que sempre trouxe nos seus livros questões da colonização, catequização e guerras em África. Todavia, a universidade reconhecer Achille Mbembe e incluí-lo como referência de leitura foi totalmente inovador, e um diferencial até o momento na base da nossa formação.

Após a leitura de *Necropolítica* (2016) criei um bloqueio e uma resistência enormes para com seus escritos. O que ele traz acerca do devir negro no mundo, do sujeito e autodeterminação racial dentre outras questões inquietantes me deixaram desestruturada. Mbembe não era apenas a descoberta de uma nova epistemologia e ontologia, pelo menos para mim. Ler alguém que fala de um ponto de vista mais próximo do continente africano, sobre a colonização e escravidão fazendo parte desse povo e vivendo em África, é uma experiência totalmente diferente.

Destacando-se as distinções de escrita e produção, o que Mbembe traz é uma visão totalmente diferente do que estava habituada a ler com Adichie. Longe de compará-los, pois, apesar do incômodo que também alguns livros de Adichie trazem, Mbembe traz tudo isso bem mais intenso, sem a ficção que às vezes amortece a escrita daquela autora. Então demorei bastante para processar as leituras do filósofo. Continuei lendo suas obras, *Crítica da Razão Negra* (2018) e *Políticas da Inimizade* (2016) e cada vez mais me deparando com o meu próprio desconhecido.

A leitura que fiz de *Crítica da Razão Negra* (2018) foi demasiadamente sofrida. Após cada encontro do grupo de pesquisa para a discussão de cada capítulo desse livro, saía com a mente muito pesada. Eram leituras desgastantes, penosas, um misto de aflições que nunca havia sentido ao ler outra obra até o momento. À medida que embarcava (agora de volta para África) nos capítulos precisava lidar com vários afetos e separar tudo para ainda fazer uma leitura crítica, uma leitura da nova epistemologia e ontologia que ele traz. Isso foi muito difícil, tinha muita irritação na minha leitura.

Falo do ponto de vista de uma mulher negra lendo Achille Mbembe. Talvez uma pessoa branca não tenha se deparado com essas questões e nem pensado como é para outras pessoas fazer a leitura deste autor. Falo do lugar de uma neta de indígena com português. Falo da perspectiva também de uma bisneta de escravo, nascido após a lei do ventre livre, casado com uma indígena. Sinto mais que na pele. É na alma que esses processos me atingem. Restou-me a alma em desassossego, após noites que passei sem dormir nas tentativas frustradas ao procurar saber da minha origem, ainda sem respostas.

Foi Mbembe que mostrou como as coisas são mais escuras com relação ao nosso processo de apagamento. Como nossa religião, costumes, cultura foi violentamente oprimida. E como principalmente nossa subjetividade foi repudiada desde o início. Tudo isso deu tão certo que até hoje não sei de qual tribo minhas avós vieram, se perdeu na história. Não sei a origem dos meus progenitores que saíram da lei do ventre livre. Parece que simplesmente brotamos aqui, como se a nossa história tivesse começado quando os portugueses chegaram. A história deles aqui, claro. Mas a nossa, se perdeu no banzo, nos navios, na opressão aos quilombos.

Esse processo nos consumiu ao ponto de comprarmos a ideia da colonização. De realmente nos acharmos inferiores, feios, burros. De crer que o padrão de vida é outro, que nossa religião é errada, que nossos cultos são demoníacos, que nós realmente precisávamos ser salvos por esse ser que vem da Europa nos resgatar e fazer o favor de nos mostrar o que é ser civilizado. A engrenagem da colonização foi tão bem-sucedida que começamos a reproduzir a ideia. O conceito de raça se alicerçou muito bem a partir da lógica de exploração do capitalismo sobre nós que acabamos na base de sustentação socioeconômica da história.

O mais gritante desse processo que Mbembe analisa é a falta de reconhecimento do etnocídio do negro. Vários crimes e atrocidades aconteceram conosco desde os primórdios: torturas, catástrofes, massacres de

¹ Mais informações podem ser acessadas no link: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>

² Destaco aqui o aparecimento de uma nova versão dos processos de colonização e seus efeitos na subjetividade dos povos colonizados, partindo da África.

populações e aldeias, durante séculos de colonização e escravidão. Mas não surgiu nenhum Hitler durante esse tempo³. Ninguém nunca foi responsabilizado por esse processo de morte e apagamento do negro. Na história eurocentrada ainda aparece retratado como necessário para nossa suposta evolução, para nossa civilização e sociedade.

A usurpação dos saberes negros até no simples fato da mesma coisa ser dita ou vendida por um branco muda completamente o valor do produto. Esse foi um processo que acabou sendo naturalizado para o negro. Se pararmos para refletir, veremos que quem sempre está na cozinha é a Tia Anastácia, mas a farinha se chama Dona Benta e ela leva os créditos por toda comida boa que a outra cozinheira. Após 150 anos de lucros e vendas, o criador da marca de uísque Jack Daniel's afirma que a receita da bebida era de um negro, que seu avô tomou para si e começara a comercializar⁴. Mesmo atualmente, é necessária uma Comissão de Heteroidentificação para garantir que nossas vagas nas universidades estejam realmente indo para nós negros, porque até nesse processo, há pessoas brancas tentando usurpar as vagas.

Com o tempo de leitura e processando aos poucos as informações, entrevistas e palestras que Mbembe realizou, fui amadurecendo a minha posição. Percebi que o problema não era com o autor, mas sim com a história. Minha irritação nas leituras não era com a pessoa que escreveu o livro, mas como a história foi feita pelos povos. Minha chateação era com essa narrativa que não me permite saber de onde eu vim, que me nega um passado localizado para além do Brasil colonizado. Essa mudança de postura propiciou que recebesse o que é escrito pelo autor de outra forma.

Desde o início fazendo as leituras de Mbembe não conseguia escrever sobre ele e suas contribuições para a minha pesquisa de mestrado. Não conseguia pensar criticamente, era tudo muito nebuloso com minhas emoções em volta. Uma leitura atravessada pelos afetos. Depois de um tempo, reli algumas produções dele. Observo as notas que fiz quando li a primeira vez e me recordo escuramente da sensação, e tento conectar isso à nova releitura. Às vezes ainda tenho a velha sensação de fúria da história, impossível não ter. Não sei se chegarei em um momento em que lerei sobre questões da colonização e escravidão sem me afetar tanto.

Agora quando escrevo usando Mbembe como referencial não é apenas teórico, é de vida e de morte dos meus antepassados que também falo. É de força, porque não é fácil falar o que ele diz nem fazer essa discussão, não do meu lugar de fala. Trabalhar com o que ele pesquisa e analisa é extremamente significativo para mim. Demarco uma posição, um trajeto árduo, marcado pela singularidade da mulher negra no Brasil.

Parece natural que o etnocídio negro tenha acontecido, porque afinal, supostamente, somos habituados à violência e tantas violações. Ser negro daria aval para qualquer coisa? Ser pobre, ser criminoso ou leviano? É em *Crítica da Razão Negra* (2018), quando o autor analisa o que foi considerado pelos europeus como frivolidade e exotismo do negro, que nos é possível uma compreensão histórica de questões que perduram ainda hoje. Após séculos do fim da escravidão esse funcionamento continua embutido na sociedade. Ainda somos a maioria nos números de homicídios, na linha de pobreza, nas prisões, habitando as ruas, etc.

Esse exotismo é vendido principalmente no país da globeleza, que comercializa o que seria a imagem da mulher brasileira. Estereotipo esse que me acompanha nos caminhos, que dependendo de aonde vou, sou considerada exótica. Nunca sou uma mulher bonita, sou uma negra bonita. Nunca sou uma pessoa inteligente, sou uma pessoa que “até que é inteligente para quem é negra”. O meu cabelo afro dá autorização para algumas pessoas passarem por mim e simplesmente tocarem nele sem minha permissão e sem dizer uma palavra. A minha cor chega antes de mim em qualquer lugar. Ela me define e meu corpo habilita às pessoas acharem que ainda sou sua negra.

Como Mbembe (2018) fala, o substantivo negro é constantemente produzido. É a elaboração de um corpo que é sujeito a outro, que é exposto socialmente às mazelas sociais e à vontade de seu senhor. Um ser que geralmente vai habitar às margens e que facilmente é um substantivo acompanhado de um adjetivo com conotação negativa. Ninguém quer ser negro. A menos que talvez isso possa garantir uma vaga na universidade...

Ao final das leituras que realizei de Mbembe, e ainda antes de iniciar qualquer leitura nova dele, respiro fundo, tento estar em um momento de tranquilidade. Porque sei que irei me deparar com indagações difíceis para mim. Ao longo da leitura faço reflexões angustiantes. Talvez o que me leva a fazer essa leitura tão trans-

3 Mais informações podem ser acessadas no link: <http://www.walkingbutterfly.com/2010/12/22/when-you-kill-ten-million-africans-you-arent-called-hitler/>

4 Mais informações podem ser acessadas no link: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/21/internacional/1503337828_733355.html

versa seja o fato de ainda ver que não estamos muito longe do que ele conta da história. Ainda temos muitos direitos que precisam ser conquistados e outros a continuar sendo garantidos. As datas que ele traz são de tão longe e tão perto ao mesmo tempo. São sobre fatos que ainda ocorrem, mas com outra nomenclatura, outras situações, porém com o mesmo povo.

Quando for necessário pararmos de explicar o porquê de um dia da Consciência Negra, talvez esse será um momento de reparação histórica. Quando existir um trabalho de memória que permita não só a quem é negro, mas a todo mundo enxergar e lembrar, talvez seja um momento de reparação histórica. Que haja consciência da existência do holocausto negro que foi feito na colonização e tenhamos vergonha disso. E para isso a consciência não precisa ser negra, ela só precisa lembrar que existiu, um genocídio de milhões de pessoas, mas que atualmente parece que nunca ocorreu. Vidas que se perderam nos mares, nos tumbeiros, troncos e quilombos para a sustentação de uma história que nos nega memória.

Referências

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. n-1 Edições, 2018.

_____, A. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. n. 32, p. 122 -210, dez., 2016.

_____, A. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.